



O campo fotográfico em Pernambuco: um resumo do final do XIX até 1930

LUCIANA CAVALCANTI MENDES*

Por meio da fotografia, a imagem do 'nacional brasileiro' ganhou força a quando representava seu cotidiano descrito, seja por meio de retratos, seja pelas paisagens e panorâmicas de suas cidades. Foi um veículo importante para a construção e perpetuação dos conceitos sobre Brasil num momento de forjamento de identidade que estava ali disposto, pela transição do império para república, que levou alguns anos para se estabelecer, já que seriam desde 1889 muitas reorganizações tanto urbanas quanto de comportamento e pensamento diante de uma nova forma de governo.

Ao pesquisar a temática do regional unida à característica documental fotográfica, buscamos encontrar fotógrafos profissionais e/ ou amadores que neste período entre os finais do século XIX até 1930, tivessem um pensamento e prática voltados para um provável imagético 'local' e que documentassem as transformações nas cidades e sua arquitetura. Tirá-los do 'lugar desconhecido'.

Seguindo Kossoy (2007: 70),

Penso que todos aqueles envolvidos com a história da fotografia devem valorizar as histórias locais e regionais, e apoiar levantamentos sistemáticos não só dos fotógrafos que atuaram nos lugares mais remotos, mas também de suas trajetórias, suas produções. Esse me parece um caminho fértil para uma revisão historiográfica necessária.

No Brasil, a profusão de fotógrafos profissionais importantes na construção de retratos e da visualidade do Brasil em meados do século XIX ao início do XX, revelou-se obviamente com os estrangeiros, reconhecidos por deterem bagagem de conhecimento fotográfico pertinente ao *métier*. Os franceses, em predileção (KOSSOY, 2003).

Mas os brasileiros, com destaque para os que ocuparam 'lugar' desconhecido, opaco, pouco ou nada destacado em estudos¹ em relação, a outros praticantes

* Mestra pelo Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo – (IEB-USP) em 2016 com bolsa Capes.

¹ Em princípio, alguns fotógrafos nacionais deixavam de se apresentar pelo nome e escolhiam adotar a



renomados da profissão, compuseram fotografias, ricas em descrição e qualidade. A eles, daqui ou de fora, considerados menores ou maiores, foi incumbida documentação solicitada por instituições e governos sobre as vistas das cidades brasileiras, com fins de composição principalmente de cartões-postais que pudessem propagar nosso País no exterior (KOSSOY, 2003).

Nas imagens das paisagens tanto citadinas quanto rurais, os fotógrafos encomendados adotavam os planos aéreos, em detrimento de outros mais baixos, para causar boa impressão e forjar a visão de grandiosidade e de extensão de nossas ruas e horizonte, propagando estética e largamente a imagem do Brasil. E como vender este imaginário da perfeição e beleza sem higienizar o que era visto e documentado? A fotografia foi um dos gatilhos que favoreceu às ações de desinfecção das cidades do que era considerado feio, sujo e nada saudável, impeditivos à aparência do progresso e da modernidade.

Havia os fotógrafos itinerantes da época, tanto estrangeiros que aportaram no Brasil, tanto os que nasceram aqui, considerados “*pequenos fotógrafos*” (KOSSOY, 2002): iniciavam os trabalhos numa cidade e posteriormente iam fotografar em outra, sem endereço fixo por longo tempo. E tomando a expressão dos “menores”, vale salientar, como Kossoy (2002: 25) que,

Foram os pequenos fotógrafos – anônimos, itinerantes, “volantes”, ambulantes, vários deles exercendo diferentes ofícios para sobreviver, percorrendo longas distâncias a vapor, de trem ou sobre o lombo de animais, viajando de vila em vila pelos mais afastados rincões deste País em busca de clientes – que contribuíram para a fixação da imagem do homem brasileiro.

Os fotógrafos europeus pioneiros aqui no Brasil trouxeram a prática para os que ouviam falar da fotografia somente em revistas e para os que tentavam descobri-la sozinhos. Só em São Paulo, em finais do século XIX, como exemplo, de cada nove fotógrafos atuantes, dois eram do Brasil (KOSSOY, 2002). A maioria, vinha da Alemanha e da França, centros com a prática fortalecida. Vários deles, “aventureiros”, chegaram nas terras tropicais para o que se chamava “*fazer a América*”, principalmente nas cidades litorâneas do Recife, de Salvador e do Rio de Janeiro (PARAÍSO, 2011). E

razão jurídica, ou ainda se “apoiavam” em algum de fora, talvez por saberem que havia uma escolha natural pelos estrangeiros, já que estes detinham majoritária experiência (MELLO, 1985).



muitos deles migravam de uma grande cidade a outra do País².

Recife foi uma das principais portas, pois sua luz atrativa, a paisagem, a estrutura magra da cidade (FREYRE, 1967) chamava a atenção de vários artistas, viajantes e fotógrafos. Segundo Freyre, (1967: 31),

Recife está vigorosamente presente na pintura brasileira. Na antiga como na moderna. Sua luz talvez seja um estímulo a esse gênero de expressão artística. Luz exaltada por um naturalista alemão, Guenther como a mais bela luz que êle (sic) conheceu nos trópicos³.

Entre os viajantes que passaram por Recife antes do início do século XX e se impressionaram com a cidade, estava o filho de inglês, nascido em Portugal Henry Koster (1784?-1820)⁴, personagem recorrente em textos sobre sensações e experiências a respeito do Nordeste. Publicou o livro “*Visões do Nordeste do Brasil*”, que recebeu tradução em 1942 pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo e foi citado com frequência por Gilberto Freyre em alguns artigos (LN, 1925) – também é apropriado por Ferrez, (1956: 18) como pode ser visto aqui,

Algumas casas já possuíam janelas com vidraças, o que, dois anos após, se generalizaria, e balcões com grades de ferro que podemos apreciar em várias fotografias de 1855/ 59 aqui reproduzidas. Achou (Henry Koster) (grifo nosso) a cidade“ até certo ponto com aparência alegre e movimentada” e mais adiante – “Recife é uma cidade próspera, aumentando dia a dia em opulência e importância.

Em “*Velhas Fotografias Pernambucanas*” (FERREZ, 1956), há preocupação cronológica com a documentação das vistas das cidades tomando a trajetória de fotógrafos – que chegaram à capital pernambucana ou de lá eram nativos – muitos que se utilizaram do daguerreótipo como novidade plena a fim de captar a paisagem

² Dois exemplos de fotógrafos brasileiros que ganharam destaque pela beleza de suas fotos e por mostrar São Paulo e o Rio de Janeiro, como cidades em vias de modernização, foram Militão Augusto Azevedo (1837-1905) e Augusto Malta (1864-1957).

³ Eduardo Dimitrov, em sua tese (2013), apresenta em várias citações a concepção que foi difundida por certos autores e que hoje é domínio público da 'luz de Pernambuco' para os artistas que ali produziam obras de arte. Gilberto Freyre foi um dos propagandistas de que a luz ali era diferenciada pela dinâmica do sol e inclinação da terra.

⁴ Fonte: GASPARG, Lúcia. Henry Koster. Pesquisa Escolar Online, FUNDAJ, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 17.ago.2015. Há dúvidas sobre o seu ano de nascimento, por isso o uso da interrogação.



daquele lugar. Ferrez afirma também que antes de adentrarmos no século XX, em 1866, todos os “*sistemas fotográficos*” já existiam e eram conhecidos no Recife. Ferrez (1956: 9) elucida o “*Catálogo dos Objetos Remetidos à Exposição Nacional pela Comissão Diretora da Exposição da Província de Pernambuco*” publicado naquele período⁵.

Seria muito extenso citar aqui todos os fotógrafos, pois foram muitos e não nos cabe abordá-los em nossa pesquisa (BARDI, 1987)⁶. Dentre os estados onde os que vieram de fora escolheram para habitar e abrir seus estúdios fotográficos no século XIX até início do XX, Pernambuco (especificamente Recife) foi um dos que os acolheu no ofício e que foi pioneiro na recepção destes profissionais⁷. É necessário salientar que houve um circuito artístico amplo desenvolvido entre os anos de 1910 e 1930 – exposições, saraus, grupos de discussão ideológicos e políticos, a larga impressão de revistas diversas e que ainda respirava as glórias da produção da cana-de-açúcar,

⁵ “*Dentre os álbuns na temática urbana do Recife, destacam-se o álbum “Vistas de Pernambuco 1900-1920”, com 404 fotografias em técnicas e formatos variados, bem como dois álbuns com raríssimas impressões em albumina. Esses exemplares fazem parte do núcleo inicial do acervo de peças e documentos iconográficos (fotografias e gravuras) do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), que pertenceu ao Comendador José Ferreira Baltar, tendo sido adquirido em 1929 pelo Estado a partir da criação do Museu”* (MALTA, 2012: 75, *apud*, BANCO SAFRA, 2003).

⁶ Cairíamos na redundância, caso ressaltássemos seus nomes, bastante e já muito bem estudados, pois inúmeras publicações que o fizeram de maneira competente – (KOSSOY 2002) como grande representante desta coleta bibliográfica de nomes – e fugiria ao nosso foco central de pesquisa. Elencaremos então alguns poucos fotógrafos, mas que se destacaram por características peculiares e de importância no ofício, mas que fixaram morada e pouco migraram para outras cercanias, a fim de fechar mais o circuito apresentado. Alguns pertencentes a meados do século XIX e outros do início do século XX. Mas os que foram considerados profissionais de estúdio ou fotógrafo de vistas da cidade. E esses situados em Pernambuco, que aqui será o nosso cajado geográfico. Pois nos deteremos nos legítimos pernambucanos, por sentir necessidade de divulgar estes nativos que parcamente são apresentados nos estudos sobre fotografia no Brasil e aparecem de maneira periférica na história privada do País.

⁷ O fotógrafo, pesquisador e professor Boris Kossoy publicou em seu “*Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: fotógrafos e fotografia no Brasil (1833-1910)*”, de 2002, uma lista sobre os fotógrafos pesquisados que fizeram parte deste circuito em Pernambuco. Os encontrados entre 1890-1910 foram: (meio pernambucano, meio carioca, meio francês) Daniel Bérard; (pernambucana) Herminia Menna da Costa M.I.; (pernambucana) Menna da Costa; (não se sabe) Arthur Barreto; (português) Francisco du Bocage; (não se sabe) Cintra; (não se sabe) Ludgero Jardim da Costa, Borges de Mello, Monteiro, Louis Piereck, Flósculo de Magalhães, João José de Oliveira, Jorge Augusto Roth, Manoel Ribeiro Filho e Manuel Tondella. Todos profissionais do ofício dentre os mais conhecidos e citados em arquivos e bibliografias. E ainda os mais reconhecidos por sua itinerância: Augusto Stahl, Alberto Henschel (mas com produção antes deste período, e muito influentes para os fotógrafos das demais décadas) e Alfredo Duscable. Não citamos aqui todos do período abarcado pelo livro do professor Kossoy (2002), por fugir demasiadamente do nosso recorte temporal. Estes acima servem para traçar um panorama a respeito da quantidade e da nacionalidade dos fotógrafos naquele momento. As datas de nascimento e morte não foram encontradas e a busca foi feita em diversas bibliografias e acervos. Mesmo assim, não tivemos êxito quanto a essas informações.



mesmo estando em decadência (BARROS, 1985).

Havia uma grande efervescência cultural citada em artigos críticos, dos acontecimentos ligados à arte e à sociedade e noticiada diariamente nos jornais de Pernambuco (REZENDE, 2012). Podemos ver em anúncios pesquisados por Mello (1985), além dos textos e livros a respeito da década de 1920 em Pernambuco. Exemplos como o primeiro automóvel de marca Renault, pilotado pelo mais renomado médico da cidade, Otávio de Freitas, que circulou pelas ruas do Recife em 1903; o primeiro aeroplano foi visto em 1912; o Pathé, cinema inaugurado em 1909, podem ser conhecidos em descrições minuciosas em “*Maxambombas e Maracatus*” (SETTE, 1935). Histórias dos ambientes cheios de eloquência como o Café Lafayette. (PARAÍSO, 2011), o principal que existia numa esquina movimentada do Recife, os cursos de carro no Carnaval, os cinemas além do Pathé que fizeram muito sucesso, o Royal, Helvética, Politeama; o Zepellin sobrevoando o prédio do jornal *DP* em 1930 (REZENDE, 2012). Porém, são raras as fontes específicas e claras sobre quem fotografava naquele momento entusiasta.

Até bem pouco tempo, em Pernambuco nas décadas anteriores ao XX, havia severas lacunas sobre estudos a respeito da fotografia produzida por todos os tipos de praticantes, fossem eles pesquisadores, do ofício ou amadores. Como já citamos logo acima, há a primeira publicação, “*Velhas fotografias Pernambucanas (1851-1890)*” organizada por Gilberto Ferrez. Nela são vistas as imagens colhidas por viajantes que atravessaram a cidade na época, como Augusto Stahl (1828-1877), Marc Ferrez (1843-1923) e Alberto Henschel (1827-1882) e que fizeram registros importantes e conseqüentemente colaboraram para a construção de uma história da fotografia⁸.

A partir deste álbum, o pintor e litógrafo suíço Ludwig Schlappriz (mais conhecido como Luís Schlappriz),⁹ que chegou ao Recife em 1858 junto com seu irmão, cônsul suíço naquela cidade, criou 33 litografias, juntamente com o impressor

⁸ Ainda no mesmo viés, os textos publicados por Mário Sette (1886-1950) “*Maxambombas e Maracatus*” (1935); por Gilberto Freyre “Um depoimento sobre a coleção Francisco Rodrigues” (1983); de Marco Aurélio de Alcântara e Édson Nery da Fonseca “*Iconografia de Pernambuco*” (1982); pela Fundação Armando Álvares Penteado “*O século XIX na Fotografia Brasileira*” (2000) e por fim de Pedro Vasquez “*Fotógrafos Alemães no Brasil*” (2000), contam sobre a fotografia antes da virada do século XIX para o XX. Porém, uma documentação mais voltada às décadas posteriores, entre 1910 e 1940 e, principalmente, focada em Pernambuco ainda é difícil de ser encontrada (PARAÍSO, 2011: 212).

⁹ As datas de nascimento e morte não puderam ser confirmadas, devido a falta de informação em acervos e bibliografias referentes a Schlappriz.



também litógrafo Franz Heinrich Carls (1827?-1909). Carls aporta naqueles arrabaldes no mesmo período e os dois passam a trabalhar juntos e publicam a obra prima “*Memória de Pernambuco - Álbum para os Amigos das Artes*” de 1863”, formado por 25 ou 26 das 33 litografias originais (MELLO, 1962). Uma maravilha da impressão descritiva de arrabaldes de Pernambuco. Raras imagens, onde se encontram somente reproduzidas em poucos exemplares espalhados pelo Brasil¹⁰ Importante apresentar que depois do Rio de Janeiro, Recife foi a primeira cidade no Brasil a conhecer a litografia (FERREIRA, 1994). Sabemos por Ferreira (1994: 420) que,

Em 1905 registrava-se a existência de nove oficinas litográficas no Recife. As litografias das fábricas de cigarros rivais Lafayette e Caxias irradiaram por todo o Nordeste, até pelo menos a década de 1930, os inúmeros produtos gráficos que transmitiam uma fisionomia comum às prateleiras dos distanciados estabelecimentos comerciais.

Algumas dessas litografias foram também publicadas, mesmo que timidamente segundo Stickel, (2004: 558 e 559) em,

[...] obras sobre Recife e em cartões de propaganda da indústria farmacêutica da década de 1950 e algumas outras avulsas em *Tempo dos flamengos* de J. A. Gonsalves de Melo e, sobretudo, em *Iconografia do Recife: século XIX* e *Livro do Nordeste*, de Gilberto Freyre (v.1). e *Nordeste histórico e monumental*, de Calrival do Prado Valladares (v.1). [...] O *Álbum de Luiz Schlappriz...*, de Gilberto Ferrez, e um pequeno estudo de Jose Antonio Gonsalvez de Mello, *Luis Schlappriz no Recife. 1858-1865* (v.1) [...].

Vejamos a IMAGEM 1.

¹⁰ Um deles, consultado no acervo da FUNDAJ.

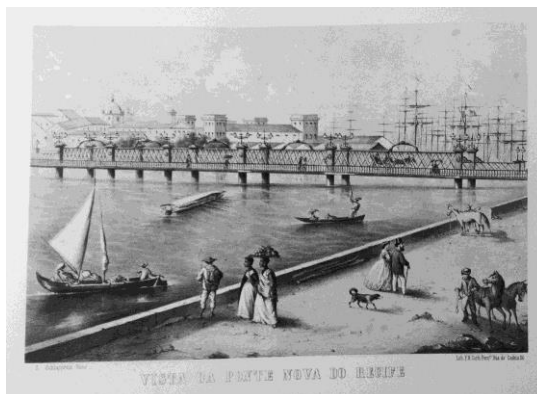


IMAGEM 1 – Reprodução de litografia de Luís Schlappritz. Acervo pessoal da autora da dissertação. Vista da Ponte Nova do Recife. Reproduzido em 2015.

Por falta de iniciativa seja privada ou pública, as imagens sobre o passado dos 1910 até 1930 em Pernambuco, somente há menos de uma década ganharam interesse dos pesquisadores. E ressaltamos que existem imagens, porém o que parece é que toda a história via fotografia ainda está “*guardada em gavetas*” a sete chaves (FEITOSA, 2003, DP).

Albertina Malta (2013) (FUNDAJ)¹¹ e Sandro Vasconcelos (2011) (Museu da Cidade do Recife - MCR), organizadores da iconografia de arquivos públicos pernambucanos em suas dissertações privilegiaram a fotografia do final do XIX e início do XX e seus produtores e nos dão mais informações a respeito dos respectivos acervos onde trabalham (MALTA, 2013) e (VASCONCELOS, 2011).

Pelo que consta, a fotografia foi a “*manifestação artística*” mais destacada e primeiramente de grande importância no Recife e seus arredores. Leia-se em Pereira, (1978: 216),

¹¹ Podemos dizer que as coleções de Benício Dias (1914-1976), Francisco Rodrigues (1904-1977) e Lula Cardoso Aires, (1910-1987) alocadas e mantidas pela FUNDAJ, possuem importantes e numerosas descrições históricas por meio da fotografia sobre Pernambuco durante este período de transição de regimes e que narram nas entrelinhas visuais como se deu o ato fotográfico, o que ele privilegiou e qual o perfil dos vários sujeitos dedicados à prática dele na sociedade pernambucana. Mesmo sendo referência de pesquisa iconográfica do período, estas coleções ainda sofrem com falta de descrições mais precisas, falta de um banco de dados mais organizado e acesso um tanto o quanto restrito pela impossibilidade de manuseio de alguns documentos. A FUNDAJ ou Instituto Joaquim Nabuco, é hoje uma das instituições responsáveis por parte do acervo textual e imagético mais completo e um dos mais organizados sobre o estado de Pernambuco. Ao lado dela, numa casa há a FGF, que passou a existir no final da década de 1980, após a morte do sociólogo e que detém acervo da família e de GF ainda atrelado em algumas instâncias à FUNDAJ, que foi o berço de GF durante muitos anos e administrado pela família dele também.



Se procurarmos alguma manifestação artística, na qual o Recife tenha sido pioneiro, pelo menos no Norte-Nordeste do País, esta é a Fotografia. Em 1842 o fotógrafo J. Evan, recém-chegado do Rio de Janeiro, montava o 1o. Atelier Fotográfico do Recife, exatamente no 1o. andar do prédio no. 14 da Rua Nova. Era, por certo, uma novidade que a sociedade recifense recebera com muito interesse e já em 1847 outro fotógrafo abria seu atelier e dava cursos e tirava fotos coloridas, era Carlos Fredricko, que gozou de grande prestígio na cidade. O mais destacado artista deste ramo foi, porém, João Ferreira Vilela, que introduziu novos métodos no seu trabalho, acompanhando o desenvolvimento da fotografia dos centros mundiais mais avançados. Vilela pelo seu talento, teve renome nacional e mereceu o título honorífico de Fotógrafo da Casa Imperial, que lhe foi outorgado pelo Imperador D. Pedro II. Em 1861, já se registrava a atividade deste artista no Recife.

Uma das referências importantes que nos apresenta o cotidiano entre os séculos XIX e XX em Pernambuco é o historiador e médico¹², Rostand Paraíso (1930) que escreveu o livro “*A velha Rua Nova e outras histórias*”, onde descreve a famosa rua do centro do Recife como a “*Rua dos Fotógrafos*”, antiga Rua Barão da Vitória. Podemos afirmar que foi a principal rua da cidade na década de 1920, onde as moças circulavam vestidas à moda francesa e inúmeros estúdios coabitavam um ao lado do outro quase faltando espaço para outro tipo de negócio. Além, vale salientar, dos fotógrafos de rua, que ali conviviam também¹³. Na IMAGEM 2, vê-se a atmosfera da Rua Nova no início do século XX. Confirma-se em Paraíso (2011: 181) que,

Era grande o número de ateliês na Rua Nova, a ponto dela no século XIX, haver sido conhecida como a Rua dos Fotógrafos. É interessante registrar que, em sua grande maioria, os estúdios ficavam nos pavimentos mais altos, raramente no térreo, exigindo dos seus fregueses o esforço de subir longas escadarias, já que não havia elevadores em nenhum daqueles prédios.

¹² Muitos médicos e militares escreviam sobre Humanidades desde o século XIX no Brasil. Em Pernambuco vários estudiosos da história do estado são médicos aposentados que se dedicaram às leituras sobre os séculos XIX e XX. Rostand Paraíso (1930) é o mais publicado deles. Faz parte da Academia Pernambucana de Letras, cadeira n. 1.

¹³ No meio, entre fotógrafos amadores e profissionais se encontravam os chamados lambe-lambes, ou fotógrafos ambulantes. Estes também eram chamados de “fotógrafos de rua”, e faziam o que se chamavam de “instantâneos” dos passantes, de suas vestimentas da época e suas características físicas. Havia muitos à época que tomavam conta da cidade (PARAÍSO, 2011).



IMAGEM 2 – Fotografia. Rua Nova, antiga Rua Barão de Victoria, em 1908, no Recife. Seus bondes e estúdios fotográficos em sobrados estreitos. Sem autoria. Arquivo Público do Estado de Pernambuco. Recife, Pernambuco. Site Ebay. EUA.

Em algumas publicações encontram-se informações a respeito do pioneirismo do circuito social da fotografia em Pernambuco, no trecho Norte-Nordeste, pois há em artigos de jornal e citações em livros de história do estado a presença descrita de momentos culturais importantes quando foi muito celebrado o ato fotográfico entre o público comum¹⁴. De como a novidade foi recebida pelos recifenses e que em 1842 o fotógrafo Joseph Evans havia montado o primeiro Atelier Fotográfico do Recife.

Alguns fotógrafos¹⁵ ainda pouco conhecidos de publicações, ganharam destaque em discussões mesmo tímidas sobre a expansão da fotografia no Recife desde 1880. Como exemplos: Jardim da Costa, que recebeu em 1890 o estúdio *Photographie Parisienne, na Rua Barão da Vitória, 65 ou Rua Nova* do fotógrafo francês Alfredo Ducasble; o austríaco, Constantino Barza (1854-1934); Ludgero que recebeu o estúdio *Photographia Alemã* de Alberto Henschel, que aportou em terras recifenses em 1866 (1827-1882); e o português Francisco Du Bocage, fotógrafo de referência a respeito da

¹⁴ Como citados aqui nas referências bibliográficas, Mauro Mota (1911-1984), Antônio Paulo Rezende (1952--), José Antônio Golsalves de Mello (1916-2002), Nilo Pereira (1909-1992), Rostand Paraíso (1930--), Souza Barros. Este último sem data de nascimento e morte.

¹⁵ A partir daqui, veremos que alguns fotógrafos citados no texto ficaram sem descrição de datas de nascimento e morte, pois não foram encontradas por se tratarem de fotógrafos estrangeiros, antigos e sem bibliografia descritiva e mais detalhada. Muitos, apesar de conhecidos pelas fotos, não possuem biografia investigada. Vale salientar que as datas foram questionadas em bibliografias sobre o assunto e nos acervos tanto físicos citados aqui como em pesquisa *on-line*. E nada a respeito foi encontrado, mesmo nas publicações do IPHAN, onde se concentram alguns poucos documentos sobre fotógrafos daquela época.

documentação das mudanças urbanas a partir de 1890 até meados de 1930 na cidade pernambucana. Bocage, além de fotógrafo, foi grande colecionador e hoje tem seu nome numa das coleções visualmente mais ricas sobre o remodelamento na capital pernambucana, com panorâmicas que divulgaram os bairros arrasados pelas reformas.

João Ferreira Vilela (considerado primeiro fotógrafo pernambucano) (PARAÍSO, 2011) também faz parte dos fotógrafos com documentação rara e significativa quanto à descrição da cidade, mas ainda é pouco visitado em pesquisas. Suas fotos datam de 1860 a 1880 (KOSSOY, 2002). Por sua dedicação ao ofício e empenho em pesquisar o que era desenvolvido nos “*centros mundiais mais avançados*”, se destacou na sociedade fotográfica pernambucana da época. Vilela (IMAGEM 3) recebeu o título honorífico de “*Fotógrafo da Casa Imperial*”, concedido por D. Pedro II (PEREIRA, 1978)¹⁶, com uma foto doada ao imperador.

Em anúncio publicado no *Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco* – 1861 encontra-se o seguinte enunciado a respeito dos serviços prestados pela *Augusta Casa Imperial*, situada na Rua do Cabugá, 18 de J. Ferreira Vilela. Ele que foi conhecido por fazer seus próprios químicos fotográficos, como podemos ver no anúncio, IPHAN (n. 10: 218)¹⁷,



IMAGEM 3 – Fotografia. Casario de Santo Antônio, 1870. Primeira Ponte do Brasil. Antiga Ponte de Ferro, mas nominada como Ponte 7 de Setembro. Por José Ferreira Vilela. Acervo FUNDAJ. Recife, Pernambuco.

¹⁶ Vilela presenteou D. Pedro II com seis daguerreótipos em 1859. Ele mesmo produzia os químicos usados e os anúncios em jornal destacavam os serviços diferenciados de seu ateliê (IPHAN, n. 10).

¹⁷ Publicado na Revista do IPHAN Edição *on-line*. Disponível em: <http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=RevIPHAN&pagfis=9589&pesq=&url=http://docvirt.com/docreader.net#> Acesso em: 15 jan 2014.



Retratos em vidro, em papel, em pano encerado. Estes retratos são especiais para se remeterem dentro de cartas; êles reúnem a beleza da prova, a flexibilidade do pano. Retratos em couro de lustro, em lâminas de ferro, em mica. Estes retratos são especiais para se colocarem em alfinetes de peito, cassoletas, botões e anéis. Podem-se fazer até do tamanho de uma cabeça de alfinete. Retratos de daguerreótipo, de ambro-cromotipo. Este sistema é novíssimo e desconhecido em Pernambuco de todos os outros retratistas. Retratos a óleo. Em ponto natural, e a preços razoáveis. Vendem-se também aparelhos fotográficos, e sortimentos de químicas, caixinhas e quadros.

Merece enorme destaque dentre outros fotógrafos pernambucanos, Hermina de Carvalho Menna da Costa – considerada a primeira mulher fotógrafa naquela cidade que “*se tem notícia*” (PARAÍSO, 2011). Seu atelier era conhecido por *Photographia Moderna* e ficou instalado em meados de 1885 na Rua da Imperatriz, 47 (Antiga Aterro da Boa Vista) – esta que no início do século XX ocupou o local da Rua Nova, como novo ponto de *status* da fotografia pernambucana. Mas ocupou outros endereços na cidade (KOSSOY, 2002).

Nas IMAGENS 4 e 5), temos o retrato e o verso da imagem com informações por Herminia feito em seu estúdio¹⁸. Esta fotógrafa participou de uma grande exposição (“*5a. Exposição Artístico-Industrial da Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais*), onde recebeu diploma de Mérito”. Provavelmente teve seu trabalho visualizado por conta do evento, já que para uma mulher à época o ofício era algo masculino em vários termos e muitas vezes o ofício era atrelado a um homem que liderava o trabalho. Sua especialidade eram os retratos em estúdio. Sabemos dela somente esses tipos de fotografias, mas constam como inexistentes as tomadas de vistas da cidade (MAUAD, 2012).

Outro fotógrafo pernambucano que também se faz necessário nomear aqui é Flósculo de Magalhães, um dos mais cogitados para retratos por famílias pernambucanas no início do século XX (PARAÍSO, 2011). Porém, Flósculo, foi um desses itinerantes que viveu na Paraíba, Rio de Janeiro, indo até Ribeirão Preto (SP),

¹⁸ Fotografia garimpada no *site* de vendas: Disponível em: <http://www.ebay.com/itm/1880-CDV-Photo-PHOTOGRAPHIA-MENNA-da-COSTA-Pernambuco-Identified-Boy-BRAZIL-/390873646012?pt=Art_Photo_Images&hash=item5b01e283bc> Acesso em: 4 de fev. 2014. Vale salientar que na FUNDAJ, onde se encontra o acervo de Hermina, as IMAGENS 4 e 5 não estavam disponibilizadas à pesquisa. Fotos encontradas somente para venda no *site* da *Ebay*.

onde se destacou pelas paisagens das cidades que captou, inclusive pelo trabalho sobre as plantações de café no interior de SP. Era pernambucano e foi sócio, ao que tudo indica, de Menna Costa, mas ainda há pouco interesse em seus registros.

Para também saber da qualidade do fotógrafo, os anúncios ou notícias de cada casa “*Photographica*” apresentavam a especialidade¹⁹ seguida também das técnicas modernas de impressão, os tipos de químicos usados, as câmeras, dentre outras especificações.

Tudo funcionava como chamariz para as fotos de estúdio tão almejadas pelo público de qualquer classe social (MELLO, 1985). Havia muitos anúncios como estes pesquisados no jornal DP por Mello (1985: 19),

1854
 23 de março
 CRISTALÓTIPO

Novo estilo de retratar, quer chova, quer faça sol, J. J. Pacheco, recentemente chegado dos Estados Unidos, convida ao respeitável público a visitar o seu estabelecimento no Aterro da Boa Vista, nº 4, casa em que morou o Sr. Letarte.

	
<p>IMAGEM 4 – Fotografia. Retrato posado em 1880, no Recife no estúdio da fotógrafa pernambucana Hermina de Carvalho Menna da Costa. Recife, Pernambuco.</p>	<p>IMAGEM 5 – Fotografia. Verso da do retrato posado em 1880, no Recife no estúdio da fotógrafa pernambucana Hermina de Carvalho Menna da Costa. Recife, Pernambuco.</p>

¹⁹ Outra especialidade da fotografia foi a de retratar os mortos, que tinha um mercado estabelecido no início do século XX que ainda perdurou por muitos anos.



1859
6 de agosto
RETRATOS A ÓLEO
EM PONTO GRANDE

Stahl & Cia., com estabelecimento fotográfico no Aterro da Boa Vista nº 12, chamam a atenção dos seus honrados amigos e fregueses sobre os retratos a óleo executados em tamanho natural nas suas oficinas pelo habilitadíssimo artista Olderico Steffen chegado ultimamente da Europa. Estas obras, verdadeiro adorno de sala, podem ser recomendadas com toda confiança como o melhor que neste gênero tem aparecido nesta cidade.

Destaque para um anúncio do fotógrafo José Ferreira Vilella, que vale ser reproduzido na íntegra,

1860
21 de janeiro
FOTOGRAFIA

Na oficina e galeria da Rua Nova nº 18, primeiro andar, continua-se a tirar retratos pelo sistema Norte-Americano. Mais de 5000 retratos tirados em poucos anos pelo artista que dirige este estabelecimento, provam a bondade dos processos empregados (únicos, que garantem um retrato inalterável) e a aceitação que até de Bem Alto tem merecido. No mesmo estabelecimento se encontra o mais variado, abundante e belo sortimento que existe nesta cidade, de quadros, molduras douradas, *passe-partouts* e caixinhas de todos os tamanhos e feitios; constantemente recebe-se da França e dos Estados Unidos tudo o que se diz respeito a fotografia, e sempre, desprezando-se ridículas economias, mandam-se vir objetos mais modernos e de melhor qualidade, atestam-se as amostras perante ao público, assim como aqueles que têm honrado esse estabelecimento. Tiram-se retratos todos os dias, e os preços principiam em 4\$000 rs.

Ferreira Vilela, fotógrafo

Alguns prezavam o tempo gasto, outros a qualidade ou tipo diferente de impressão ou outros ainda o cenário naturalista onde seriam realizadas as fotos. Em um destes anúncios, o destaque para a impressão em carvão (DP, 27.07.2002),

Sexta-feira, 27 de julho de 1877.

Fotografia francesa – O sr. Joaquim José de Oliveira, moço tão hábil quão modesto e amante das vocações artísticas de cominação com o distinto fotográfico, o sr. F. Labadie, dono da Fotografia Francesa, à rua do Barão da Vitória, nº 12, conseguiu provas perfeitas de

fotografias pelo novíssimo processo de impressão inalterável do carvão.

Mesmo com o considerável número de fotógrafos profissionais que eram fixos e não-itinerantes e trabalhavam em estúdio em Pernambuco no período, poucos destes se dedicaram à fotografia das cidades principais do estado: Recife e Olinda. Vilela, dentre os que fotografavam em estúdio, foi o único que fez algumas vistas, porém antes do início do século XX, quando ainda as modificações não tinham se intensificado. Elas foram profusas principalmente no governo de Sérgio Loreto (1922-1926).

Citando, Alberto Henschel, Ferrez (1956: 12), afirma, que neste período o *“portrait [...], comercialmente falando, rendia muito mais que a paisagem.”*

Percebemos que na busca por fotógrafos pernambucanos no Recife e em Olinda que tivessem trabalhado profissionalmente documentando as vistas da cidade, (construção e destruição) obtivemos pouco sucesso nas documentações e identificação de autoria a respeito da fotografia produzida principalmente entre as décadas de 1910 e 1930. Identificamos Manuel Tondella e Francisco Du Bocage²⁰ que foram os que mais produziram nas três primeiras décadas do XX. De fotógrafos profissionais pernambucanos, quase nada soubemos e nem conseguimos documentação a respeito (MALTA, 2012). Nas IMAGENS 5 e 6, avistam-se fotos impressionantes das reformas urbanas na cidade do Recife.



IMAGEM 5 – Documentação das transformações urbanas que começaram a acontecer uma década antes a do governo de Sérgio Loreto, na década de 1920. A sequência de fotos foi realizada pelo fotógrafo que viveu muitos

²⁰ Começou a fotografar na década de 1890 em Pernambuco. E uma característica peculiar no trabalho de Bocage é que ele fez registros para a imprensa no período. As fotos que ele fazia da vida na cidade foram dadas como presente para alguns editores de publicações locais da época. Ele foi um dos maiores responsáveis pelas vistas da cidade de Recife. E estas viraram cartões-postais tão em uso social à época. Segundo Kossoy (2002), quase certo que os serviços de Du Bocage foram solicitados pela administração municipal para retratar as mudanças na área do porto do Recife (KOSSOY, 2002).

anos no Recife, Francisco Du Bocage. Esta é a Rua do Bom Jesus, antiga Rua da Cruz no centro da cidade do Recife. Coleção Benício Dias. Acervo FUNDAJ. Recife, Pernambuco. 1913.



IMAGEM 6 – Documentação das transformações urbanas que começaram a acontecer uma década antes do governo de Sérgio Loreto, na década de 1920. Esta é a foto das Construções dos armazéns do porto. Coleção Benício Dias. Acervo FUNDAJ. Recife, Pernambuco, 1914.

A publicação *Revista de Pernambuco*²¹ teve na fotografia o amuleto de divulgação das obras de “embelezamento e civilização” (REZENDE, 2012) da cidade do Recife. Porém, inexistente a autoria das fotos, sendo nomeadas apenas “*pertencentes a Publicações Oficiais do Estado de Pernambuco*”. Essa Revista circulou entre 1924 e 1926 em Pernambuco. Era elaborada pelo “*Corpo Redaccional do Diário do Estado*” (REVISTA DE PERNAMBUCO, 1924). Nas IMAGENS 7 e 8, veem-se a capa e uma das páginas da Revista com algumas das fotos do que chamavam de melhoramento do Derby, bairro próximo ao centro da cidade do Recife (construção do canal), por onde passa o Rio Beberibe, vindo de Olinda.

Há além do Beberibe, o Rio Capibaribe, que juntos compõem à paisagem e à fisiografia da cidade do Recife e parte de Olinda, sendo “*os elementos preponderantes*” na criação e estruturação do espaço urbano (CASTRO, 1954). Usamos Castro (1954) para considerar que, como em demais cidades no mundo, as águas de rios e litorâneas podem colaborar na forma que uma cidade se estabelece e se apresenta geográfica e socialmente, pois ela estabelece um perfil de si mesma a partir das suas características histórico-fisiográficas. O Bairro do Recife é situado sobre uma península, foi onde as reformas foram mais acentuadas. E os demais bairros que se prolongam a partir dele, são hoje chamados de Santo Antônio, São José e Boa Vista.

As inúmeras pontes da capital de Pernambuco, demonstram a necessidade da

²¹ In: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001378.pdf>



implantação de estruturas que facilitassem não somente a circulação física, mas também, a partir dessa arquitetura uma maneira e um jeito de experienciar a cidade.

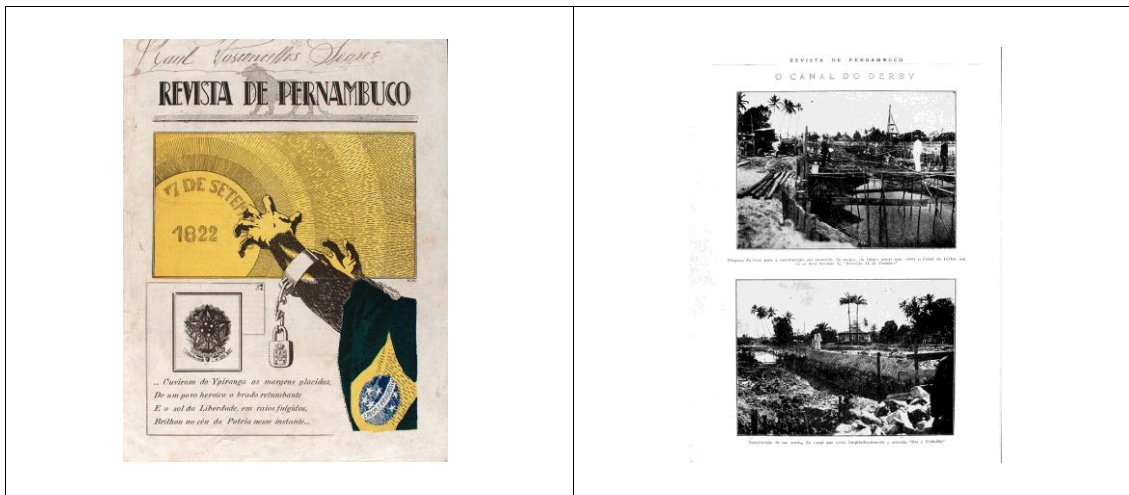


IMAGEM 7 e IMAGEM 8 – Capa digitalizada da segunda Edição da *Revista de Pernambuco*, de setembro de 1924 e uma página de fotos da mesma edição que apresenta o registro visual das obras realizadas no Canal do Derby. Arquivo de Domínio Público alojado na FUNDAJ. Recife, Pernambuco.

Vivenciar a cidade, tanto Recife como Olinda, era também olhar e caminhar por elas. Havia o que se chamava de “*caminho do fotógrafo*”²², por onde circulavam para além de documentar a cidade, senti-la. Havia necessidades em revelá-la por meio de imagens com o objetivo de registrar o que poderia desaparecer em alguns poucos anos. Fotografar a cidade para guardá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLBUM DE PERNAMBUCO. Impresso nas Oficinas Tipográficas do Anuário Comercial. Praça dos Restauradores, 24 Lisboa. 1913. Cópia digitalizada em pdf pertencente ao acervo da Fundaj. Disponível: <http://www.fundaj.gov.br>. Acesso em 17.08.2015.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil:** a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier: Campus: Biblioteca Nacional, 2004.

²² Menciona-se o “*caminho*” em entrevista concedida por José Luiz Mota Menezes, em 2015, arquiteto pernambucano, que além de viver à época, acompanhou diversos fotógrafos que faziam este suposto percurso tanto por amadores quanto por profissionais. Era observar o outro lado dos rios, pela margem ou pelas pontes.



AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. Editora Universitária, 2a. Ed. Recife, PE, 1996.

BARDI, P. M. **Em torno da fotografia no Brasil**. São Paulo: Banco Sudameris Brasil, 1987.

BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco: uma interpretação**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

FEITOSA, Aline. Imagens que falam por Pernambuco. Publicações reafirmam a importância da fotografia para a preservação da memória iconográfica do Estado. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 1D, 20 abr. 2003.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira : a imagem gravada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FERREZ, Gilberto. **O Álbum de Luís Schlappriz: Memória de Pernambuco – Álbum para os amigos das artes 1863**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981. (Coleção Recife; v. 17) Fac-símile da edição de 1863 impresso pela Lith. F. H. Carls, Pernambuco.

_____. FERREZ, Gilberto. **Velhas Fotografias Pernambucanas 1841-1900**. Publicação em Álbum do Departamento de Documentação e Cultura. Recife, 1956.

FREYRE, Gilberto. **O Recife, sim! Recife, não!** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência. **A fotografia na preservação do patrimônio cultural: uma abordagem preliminar/ coordenação Francisca Helena Barbosa Lima, Mônica Muniz Melhem, Oscar Henrique Liberal de Brito e Cunha**. - Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: fotógrafos e ofícios da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

MALTA, Albertina Otávia Lacerda. **Memória em sais de prata: fotografias do Recife em instituições memoriais**. Recife: UFPE, Ciência da Informação, 2013.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História. In. **TEMPO**. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Vol.1, n. 2, dez, 1996. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 73-98.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Arte e Natureza em Pernambuco no Segundo Reinado**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1985.



_____. **Luis Schlappriz no Recife (1858-1865)**. Recife: Imprensa Oficial, 1962..

MOTA, Mauro. **Modas e Modos**. Recife, Editora Raiz, 1976.

MOURA, Carlos André Silva de. **Os antigos cafés do Recife: a sociabilidade na capital pernambucana (1920 – 1937)**. RESGATE - vol. XX, N023 - jan./jun. 2012- Moura, Carlos André Silva de- p. 97-107. Artigos & Ensaios.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. UFPE. Recife: Editora Universitária, 1975.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PARAÍSO, Rostand. **A esquina do Lafayette e outros tempos do Recife**. Recife: Ed. do autor, 2001.

_____. **A velha Rua Nova e outras histórias**. Recife: Bagaço, 2011.

‘

PEREIRA, Nilo. **Um tempo do Recife**. Recife: Editora Universitária, 1978.

REZENDE, Antônio Paulo. **Os anos 1920: Histórias de um tempo**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

STICKEL, Erico J. Siriuba. **Uma pequena biblioteca particular** – subsídios para o Estudo da Iconografia no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

VASQUEZ, Pedro Afonso. **Um mundo em miniatura: notas sobre a fotografia de arquitetura**. In: *Fotografia escrita: nove ensaios sobre a produção fotográfica no Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.